



Oculum Ensaios

ISSN: 1519-7727

sbi.ne_oculumensaios@puc-
campinas.edu.br

Pontifícia Universidade Católica de
Campinas
Brasil

Diagramas / Atos de hesitação – os croquis de investigação do arquiteto Jorge Mário
Jáuregui

Oculum Ensaios, vol. 14, núm. 1, enero-abril, 2017, pp. 11-43

Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Campinas, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=351751137002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

DIAGRAMAS

JORGE MARIO JÁUREGUI

A ideia de impressão está associada ao conceito de diagrama e sugere relações potenciais.

Os diagramas podem reter múltiplas séries de impressões e são um aparelho ativo. Um diagrama é uma espécie de taquigrafia gráfica, é uma forma de representar. É um conjunto de relações entre forças, que forma um mapa que formaliza funções articuláveis e constitui uma abstração explicativa. O diagrama permite reorganizar as hierarquias.

Um diagrama oferece a possibilidade de abrir o visível ao articulável.

No diagrama há uma intensa concentração de informação.

Interessam as duas ideias associadas, segundo Deleuze (2007), existentes no conceito de diagrama: a ideia de caos e a ideia de germe. A ideia de caos-germe implicando um caos do qual deve sair algo. Que se relaciona com a ideia de ‘abismo ordenado’.

O diagrama tem a ver com a ‘potência da mão’.

Um diagrama para Deleuze é um conjunto de traços não-significantes.

Para que serve um diagrama para um arquiteto? Um diagrama é, na perspectiva que nos interessa, a marca do que existe, porém já encaminhando-se para o que pode vir a existir. Inclui então, para um ‘arquiteto-urbanista’ uma tensão entre o real (inapreensível) e a ‘potência lógica ordenadora’ de que fala Lacan (1960). Potência lógica esta que pressupõe uma pulsão estética. Há, desta forma, desde o início, uma certa intenção “ordenadora” que organiza esteticamente, que tende ao ‘belo’, significando isto o que signifique.

Os desenhos não são, por isso, sóbrios, nem depurados, nem despojados. E incluem uma certa dispersão.

Neles se verifica um prazer de abstrair. Abstrair para libertar-se, para sair do enredo, das determinações do existente.

As mãos têm que estar vazias para não colocar obstáculos ao influxo que lhe é comunicado. Devem estar prontas para o menor impulso, assim como para o mais violento.

Os diagramas são suporte de eflúvios, e por isso implicam saber submeter-se, pular, levantar-se.

Diagramas são os traços complexos das impressões de uma prática.

Do múltiplo surge a ideia; abertura em várias direções...

papel mediador, de comunhão e de suspensão...

apontando para uma ordem dinâmica...

REFERÊNCIAS

DELEUZE, G. *Pintura, el concepto de diagrama*. Buenos Aires: Cactus, 2007.

LACAN, J. A la mémoire d'Ernest Jones: Sur sa théorie du symbolisme, écrits. *La Psychanalyse*, n.5. p.1-20, 1960.

JORGE MARIO JÁUREGUI | Escritório Atelier Metropolitano | R. Goitacazes 120, Glória, 22211-190, Rio de Janeiro, RJ, Brasil | *E-mail*: <jorge@jauregui.arq.br>.

ATOS DE HESITAÇÃO – OS CROQUIS DE INVESTIGAÇÃO DO ARQUITETO JORGE MÁRIO JÁUREGUI

VALÉRIA VERAS

¿Para qué sirve un diagrama para un arquitecto? Un diagrama es, en la perspectiva que nos interesa, la huella de lo que existe, pero ya encaminándose para lo que puede venir a existir. Incluye entonces para un “arquitectourbanista” una tensión entre lo real (inaprensible) y la potencia lógica ordenadora de que habla Lacan. Potencia lógica ésta, que presupone una pulsión estética. Hay, por esta razón, desde el inicio, una cierta intención ordenadora que organiza estéticamente, que tiende hacia “lo bello”, signifique esto lo que signifique (JÁUREGUI, 2012, p.87).

A necessidade em desvelar ‘espaços’ – como uma gênese – revertendo categorias de representação idealizadas de uma prática urbanística, traz à cena os *diagramas* que conduzem o arquiteto Jorge Mário Jáuregui em investigações de uma arquitetura de sentidos.

Desconstruir a opacidade de uma arquitetura mediadora – de propriedades, quantidades, distâncias, mensurações – que racionalmente e progressivamente impõe sentido a lugares, designa nomes, detém leis de ordem – compõe a feitura dos diagramas, de que faz uso o arquiteto Jorge Mário Jáuregui, para a (des)construção da articulação sócio – espacial, interagindo a produção de espaços com cotidianidade. Processo de criação como ressonâncias psicanalíticas, que o arquiteto Jáuregui remete a estudos lacanianos, da desordem apreendida na *urbis*, revelaria em leituras, a potência implícita ‘do sentido do belo’ em um ‘pulsar estético’.

Cotidianidade ancorada na intenção, que interliga *espaços-tempos*, da permuta entre corpos, textos, lembranças, visões onde em relances – hesitações – fazem emergir potencialidades possíveis de situações, como nos remeteria o filósofo Merleau-Ponty, de momentos silenciosos, quase gestos que anunciam palavras (MERLEAU-PONTY, 2004), dá o sentido ao que Jáuregui diz brindar a possibilidade de se abrir o visível para o campo de articulações (JÁUREGUI, 2012).

Hesitações deixando vir à tona *palavras que anunciam atos* expressaria a potência da mão, a que diz o arquiteto ser imanente a um estado de prazer imerso em abstrações (JÁUREGUI, 2012). E não seriam estas abstrações as sombras que emanavam da luz que

viria tensionar pintura e espaço renascentista procedentes dos contrastes entre espiritualidade e racionalismo implícitos no barroco?

O pintor renascentista Leon Battista Alberti, em seu tratado “Da Pintura”, ao discernir que reside no pintor o modo que pode seguir com a mão o que compreendeu com a inteligência (ALBERTI, 2014), vem celebrar o ato da imanência de um espaço que está por vir. E não seriam estas as mãos vazias, diz o arquiteto Jáuregui, à espera da vazão de impulsos conduzidos por advertências vindas dos pensamentos, como nos aponta Merleau-Ponty (2004), anunciadores da possível interação entre signos formuladores de linguagens? Alberti 2014 (p.96) ao dizer que o arquiteto “tomou do pintor as arquitraves, as bases, os capitéis, as colunas, as fachadas e outras coisas [...]”, e ainda ao afirmar que “talvez não se encontre arte de algum valor que não tenha vínculos com a pintura, de tal forma que se pode dizer que toda beleza que se encontra nas coisas nasceu da pintura” (ALBERTI, 2014, p.98) vem reforçar a condição do desenho como mero instrumento a mediar a composição das formas implícitas na natureza.

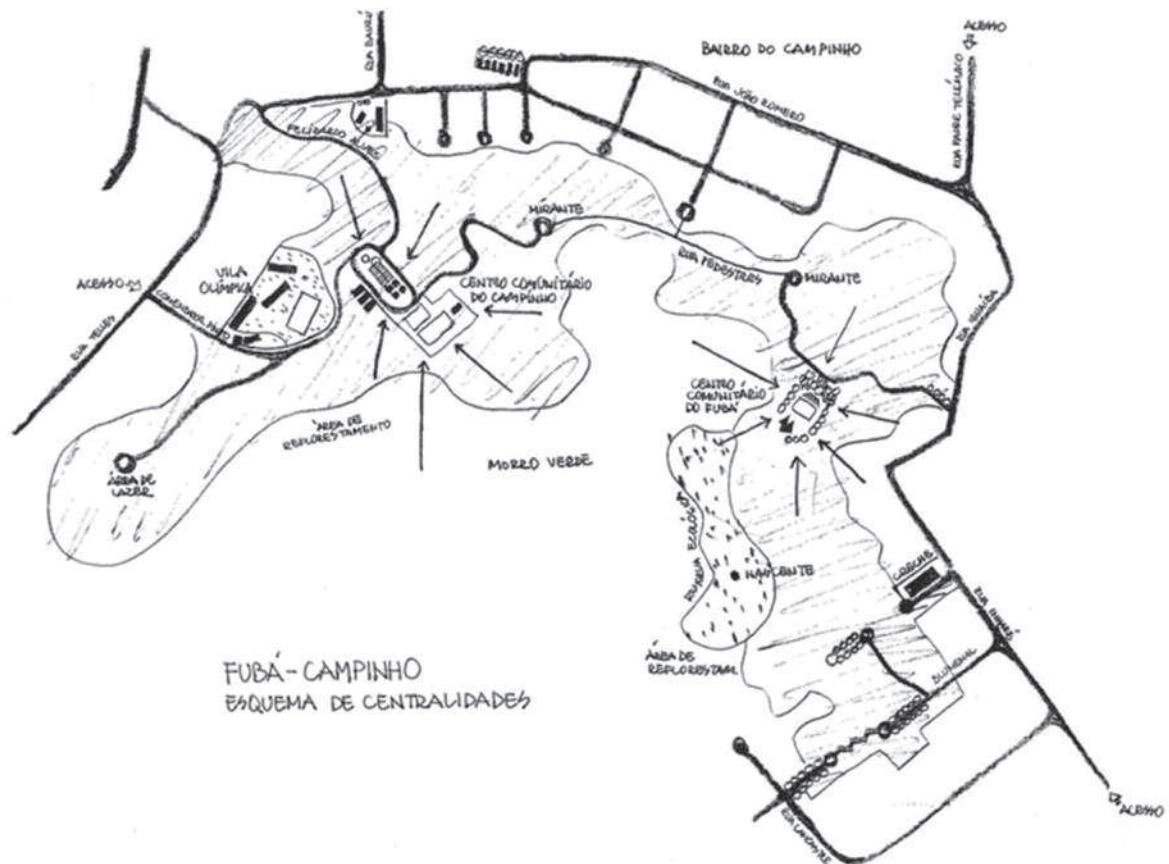
O diagrama, ao mediar uma apreensão de mundo, como o processo semelhante a de uma pintura que vem representar o que se vê ‘sentindo, neste caso, revelaria traços como impressões (JAUREGUI, 2012) e impulsionaria posteriormente o desenho das ideias. Como uma pintura *albertiniana*, que não distingue beleza, realidade e representação, o diagrama de Jáuregui parece embebido da tensão que deixa transparecer pela potência – do belo, do vivo – uma estética que se estrutura no *devenir* dos acontecimentos.

A apreensão de signos, nascidos da prática que Jáuregui empreende em seus diagramas, torna-se um campo de percepção de uma forma que se instaura prévia à intenção do arquiteto ordenar e organizar plasticamente o espaço segundo uma lógica orgânica – funcional e estruturante. Intenção plástica, na condição de ser uma arquitetura escrita experimental, que tem carga e é desenho como no risco costiniano revelando “determinada intenção” (COSTA, 2001, p. 39), rege o traçado como sendo um signo, que atua entre o sentido e a razão, na difícil conversação da relação do sujeito no ciclo contínuo de desvelamentos, que desafiam a lógica. Persistência da ambiguidade barroca.

Jáuregui parece ter persistido nas hesitações do pintor Leon Battista Alberti quanto ao espaço renascentista, antevendo as imperfectibilidades do desenho literalmente à sombra do espaço barroco. Personificando o papel de pintor/arquiteto desconstrói a representação universal contida na ponderação de Merleau-Ponty (2004) que ‘a cultura nunca nos oferece significações absolutamente transparentes, a genes do sentido nunca está terminada’ e faz colidir racionalidade e subjetividade em pinturas/ diagramas dos fenômenos humanos.

DIAGRAMA COMO SENTIDO DE INTERAÇÃO ENTRE ARTE E ARQUITETURA

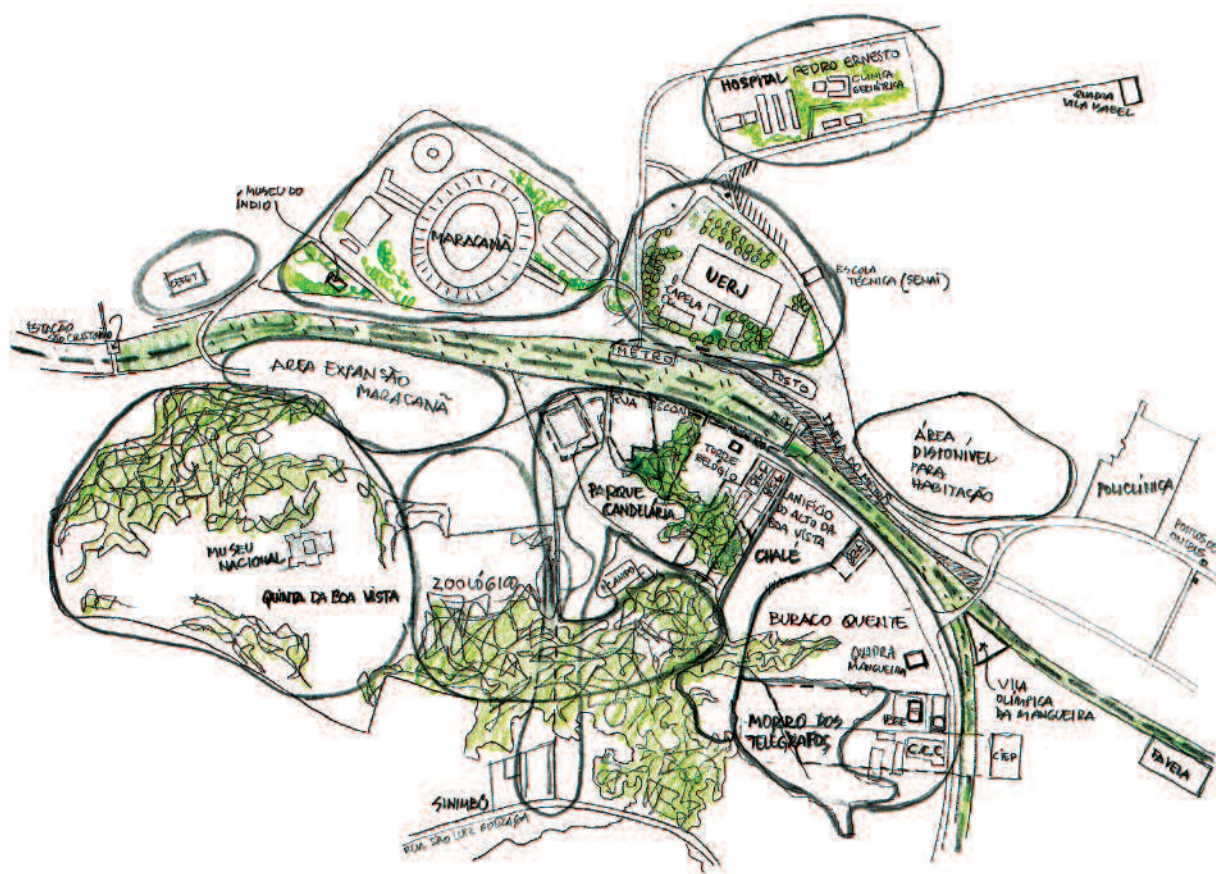
Urbanizar favelas implica, partiendo de la estructura del lugar y de la “escucha” de las demandas interceptadas con los datos derivados de los estudios socio-económicos y culturales forzar el caos hasta convertirlo en forma (JÁUREGUI, 2012, p.118).



Esquema de leitura – Fubá Campinho, Rio de Janeiro, 2003.

Schematic – Fubá Campinho, Rio de Janeiro, 2003.

Esquema de lectura – Fubá Campinho, Rio de Janeiro, 2003.



Esquema de leitura – Mangueira, Rio de Janeiro, 2012.

Schematic – Mangueira, Rio de Janeiro, 2012.

Esquema de lectura – Mangueira, Rio de Janeiro, 2012.

A arte contemporânea tem contribuído enormemente para questionar as possibilidades de apropriações com o espaço público. Leituras de obras *site specific* (KWON, 2008) desvelando *espaços* insurgentes de mapeamentos “que se assemelham a uma rede que vai ligando pontos e formalizando um conjunto de relações” fazendo aparecer “elementos justapostos, contrapostos, implícitos uns pelos outros”, formalizam uma determinada configuração estruturalista contida em um lugar, a que Foucault nomeia de heterotopia (FOCAULT, 1984). Para Jáuregui esta *heterotopia* se manifesta na arquitetura como sendo uma forma de arte que exige o entrelaçamento do visual, do conceitual, do sensorial, do acidental e do social, buscando estabelecer pequenas parcelas de ordem em um contexto infinitamente desordenado. (JÁUREGUI, 2012).

Os diagramas de Jáuregui, na condição de *heterotopologias*, inscrevem uma “sequência fragmentária de eventos e narrativas” da interação entre “vivências”, do arquiteto e da comunidade, com o local da implantação futura dos projetos de urbanização. Este processo como vetor dissidente da prática urbana dissecada por Kevin Lynch, no livro “A Imagem da Cidade”, de 1960, composto pelo mapeamento da percepção de elementos estruturadores de imagens das cidades agrupados em cinco grandes tipos - caminhos, limites, bairros, pontos nodais e marcos –, permeia a configuração de lugares que não difere muito do pensamento do artista americano Robert Smithson, um dos principais precursores do *site specific*. O seu trabalho “engendrado em desmistificar a distinção entre teoria e prática das maneiras de abordar as experiências estéticas como dimensões do espaço do tempo, evidencia uma relação dialógica entre pensamento, obra e lugar” (PÉREZ-ORAMA, 2012, *online*) que torna-se parte do lugar e reestrutura sua organização tanto conceitual quanto no campo da percepção.

Este procedimento em Jáuregui tornou-se meio para processar o “espaço percebido” –mediado pela simultaneidade do “caminhar olhando” –, contando histórias e revelando tramas, intrínseco às investigações que o arquiteto relativiza não poder se furtar para potencializar o espaço de suas propensões naturais em relação à comunidade. Nesta ordem, Jáuregui expõe à cidade o enfrentamento de seus traumas e afirma ser plausível “uma nova conexão da estrutura urbana como um todo possibilitando articular diferenças quando estas se tornam intoleráveis”. O conflito é uma agenda positiva de trabalho e a favela é o lugar do puro devir! E potencializar o uso de um espaço pela interação entre o formal e informal, à deriva de ressignificações, traduz a “integração arte arquitetura” movida por estado de ambiguidade que o arquiteto vê configurada como uma “estética que une fragmentos”. Estas considerações proporcionaram ao arquiteto Jáuregui participar da 12ª Documenta de Kassel de 2007, intitulada “The Migration of Forms”, a convite do curador Roger M. Buergel, expor as experiências estéticas das dimensões espaços/tempos advindas de seus diagramas.

A temática da 12ª Documenta de Kassel, consistia em discussões sobre a transfiguração das formas da produção da cultura visual e da história da humanidade em outras formas a contento de uma relocação em outros contextos e em diferentes propósitos en-

levados pela história da arte. A curadoria, ao apontar que na contemporaneidade estaria implícito um processo de releitura que promove o surgimento de situações inesperadas, enveredando em novas relações entre obras de diferentes períodos da história, revelaria interseções e semelhanças conteudísticas, que predispõem a *migração estética de formas* através de tempos e fronteiras culturais (12° DOCUMENTA DE KASSEL, 2007).

Para o arquiteto Jáuregui projetar sempre implicou nesta perspectiva. A combinação entre temas e percepções seria o componente principal da espinha dorsal de um projeto cuja interdisciplinaridade permeia as experiências intrínsecas às práticas cotidianas da *urbis* que compõem, a cada momento, situações adversas de vivências e leituras que fundem racionalidade e intuição.

El punto de partida para la formulación del Partido Urbanístico (que busca capturar e estructurar las órdenes espaciales que subyacen a los paisajes, configurados aparentemente sin sentido) es la elaboración del esquema de lectura de la estructura del lugar, que representa gráficamente la configuración discontinua y no homogénea, aunque conectiva, de cada sitio, identificando relaciones entre áreas de la intensidad diferencial, dentro de un campo coherente (JÁUREGUI, 2102, p.121).

Seria esta arquitetura de Jáuregui a arte ambiental de Hélio Oiticica, a que o artista conceitua como um conjunto sensorial ordenado segundo uma ‘hierarquia de ordens’ – todo dirigido para a criação de um mundo ambiental? (PEDROSA, 2004). Os diagramas enquanto articulações entre expressões orgânicas e formas na ordem de estabelecer relações entre arte, arquitetura e história seriam, no mínimo, correspondências com os pressupostos de Alberti dotando o mundo real da predisposição de vir ser expressão de sua espacialização.

Deixa registrado o pintor renascentista, que “durante a pintura devemos estar abertos a todos os que vêm e ouvir a cada um” (ALBERTI, 2014, p.139), compondo, a seu tempo, forte diálogo com a arquitetura de sentidos empreendida pelo arquiteto Jorge Mário Jáuregui.

REFERÊNCIAS

- 12° DOCUMENTA de Kassel. Kassel: Documenta, 2007. Available in: <http://www.documenta.de/en/retrospective/documenta_12>. Cited: Oct. 13, 2016.
- ALBERTI, L.B. Da pintura. São Paulo: Editora Unicamp, 2014.
- COSTA, L. Registro de uma vivência, 1986-94. In: COSTA, M.E. Com a palavra Lucio Costa. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.
- FOUCAULT, M. Outros Espaços. In: FOUCAULT, M. *Ditos e escritos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. v.3. Disponível em: <<http://www.uesb.br/eventos/pensarcomfoucault/leituras/otros-espacos.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2016.

JÁUREGUI, J.M. Estratégias de articulación urbana. Buenos Aires: Nobuko, 2012.

KWON, M. Um lugar após o outro. *Arte & Ensaios*, n.17, 2008. Disponível em: <<https://vmutante.files.wordpress.com/2014/08/7-kwon-miwon-um-lugar-apc3b3s-o-outro-em-portugues-artigo-imprimir.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2016.

LYNCH, K. The image of the city. Cambridge: MIT Press, 1960.

MERLEAU-PONTY, M. O olho e o espírito. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

PEDROSA, M. O Programa ambiental de Hélio Oiticica: por uma geografia da arte. *Arquitetura e Urbanismo*, n.121, 2004. Disponível em: <<http://au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/121/artigo23405-1.aspx>>. Acesso em: 4 dez. 2015.

PÉREZ-ORAMAS, Luis *et al.* Catálogo Trigésima Bienal de São Paulo. Ministério da Cultura, 2012. Disponível em: <<http://www.bienal.org.br/publicacao.php?i=2088>> Acesso em: 15 abr. 2017.

VALÉRIA VERAS | Mestranda em Arquitetura PUC- Rio de Janeiro, Aprofundamento em História da Arte Brasileira pela Fundação Joaquim Nabuco e em Curadoria na Escola de Artes Visuais Parque Lage, Rio de Janeiro, Arquiteta urbanista, desenvolve projetos de curadoria, expografia e arte educação | Av. Tim Maia 7435, Bl. 4, Apt. 103, Recreio, 22790-669, Rio de Janeiro, RJ, Brasil | *E-mail*: <valveras@terra.com.br>.



Esquema de leitura – Rio Cidade Catete, Rio de Janeiro, 1994.

Schematic – Rio Cidade Catete, Rio de Janeiro, 1994.

Esquema de lectura – Rio Cidade Catete, Rio de Janeiro, 1994.